



SIMÕES DE ASSIS



SIMÕES DE ASSIS

Julia Kater

À Altura dos Olhos
At Eye Level

abertura opening

terça-feira, 15 de agosto, 18h às 21h

tuesday, august 15, 6pm to 9pm

15.08 - 30.09.2023

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

À altura dos olhos, o enigma

(...)
Bato à porta de pedra
– Sou eu, me deixa entrar.
Quero penetrar no teu interior
olhar em volta,
te aspirar como o ar.

– Vai embora – diz a pedra. –
Sou hermeticamente fechada.
Mesmo partidas em pedaços
seremos hermeticamente fechadas.
Mesmo reduzidas a pó
não deixaremos ninguém entrar.
(...)

Wisława Szymborska

A fotografia possui como característica intrínseca um aguçado senso de armadilha. Ao enquadrar determinado evento com o aparelho óptico e conceber uma imagem, desavisados podem pensar que conseguiram capturar a chamada realidade. Por várias décadas, desde o surgimento da fotografia, esse foi o discurso que conduziu a trajetória dessa linguagem artística, inspirando e reforçando desde tendências ditatoriais a discursos humanistas. Não é o caso da pesquisa e trabalho de Julia Kater: em sua exposição "À altura dos olhos", a artista visual desvia da arapuca quase irresistível de descrever os fatos e dar contornos fixos aos acontecimentos que são percebidos com sua câmera.

Não é que o fato não esteja ali. Kater registra momentos aparentemente singelos – e até mesmo banais: uma pessoa sentada de costas olhando para o horizonte, uma mesa cheia de copos e xícaras, uma árvore ou uma pedra, além de suas conhecidas paisagens. Mas é no trabalho de edição posterior à tomada da imagem que a artista demonstra profundo respeito e, até mesmo, admiração pelo enigma da linguagem fotográfica. São os recortes e novos enquadramentos que nos informam sobre a condição silenciosa da imagem: suas obras recusam-se a nos contar uma história totalizante, ao mesmo tempo que nos provocam a completar com nossos próprios sentidos o fio de Ariadne que ela apenas sugere.

As camadas e sobreposições propostas por Kater subvertem a fotografia de paisagem, tão cara à historiografia das artes. Partindo de cenas conhecidas como praias, nuvens e mares, é o gesto físico da artista que nos conta que a imagem não dá conta da realidade. O mapa não é o território, jamais será. Fazendo uso da precisão do estilete em imagens de grandes dimensões, ela inverte noções de céu e horizonte, embaralhando com isso a própria crença do que pensávamos ter visto inicialmente. As paisagens, antes calmas e tranquilizantes, tornam-se abstrações e ganham um caráter questionador, subjetivo e até mesmo filosófico. Junto com a artista, supomos e construímos mentalmente a paisagem que já nos habita em sonhos e devaneios, onde nada está fixo em um ponto e tudo pode acontecer a qualquer momento: o sol pode deslocar-se, a areia virar nuvem e as texturas se confundirem a ponto da abstração.

É importante notar como os gestos se repetem e se acumulam, aproximando Kater do pensamento musical, com noções de ritmo e atrelado ao princípio da variação, primordiais ao contemporâneo. São os fragmentos embaralhados que nos conduzem a uma percepção outra, sensorial e mesmo espiritualizada, daquela paisagem que, a princípio, nos parecia tão familiar.

Quando nos aproximamos das fotografias em menor formato, o silêncio faz-se ainda mais presente. Nem as obras – e, tampouco, a sequência determinada pela artista – nos contam uma história linear, fácil ou única. Kater também reenquadra e modifica as imagens feitas previamente. Se, anteriormente, nos deparamos com o procedimento de corte e justaposição, aqui percebemos a gestualidade do zoom ou close, estratégias comuns na fotografia e no cinema, linguagem na qual a artista também se inspira. E é por meio desses novos quadros que somos colocados de frente para uma silhueta, um contorno de pescoço ou um resto de cotovelo. Vestígios de corpos e estados de espírito. O céu parece se transformar até deixar o sol azul – ou seria apenas uma mancha no filme do negativo? Que mundo é habitado por essas imagens? Quando chegamos a cenas aparentemente "reais", já estamos de tal forma contagiados que passamos a questionar: o que é, de fato, uma pedra? Qual a essência de uma árvore? E percebemos, como no poema de Szymborska, que essas respostas jamais serão fornecidas, menos ainda pela fotografia. Um dos grandes trunfos da artista é habitar esse silêncio e, mais que isso, reforçá-lo, apresentá-lo e, ao final, nos deixar sozinhos no embate com a própria imagem.

As escolhas expositivas de Julia Kater em "À altura dos olhos" nos fazem lembrar constantemente que todo enquadramento é uma decisão narrativa e um modo de perceber o mundo. Cada gesto é não apenas discursivo, como também político. Ao generosamente abrir as imagens para sua característica enigmática, a artista nos alimenta com pergunta: quando olho, o que vejo? Posso acreditar no que vejo? E, talvez, possamos também pensar: como completo aquilo que vejo? –, se é que seria possível completar.

Daniele Queiroz



At eye level, the enigma

(...)
*I knock at the stone's front door
"It's only me, let me come in.
I want to enter your insides,
have a look around,
breathe my fill of you."*

*"Go away," says the stone.
"I'm shut tight.
Even if you break me to pieces,
we'll all still be closed.
You can grind us to sand,
we still won't let you in." (...)*

Wisława Szymborska

Photography has as an intrinsic feature a keen sense of entrapment. By framing a certain event with the optical device and conceiving an image, an unsuspecting person may think that they have managed to capture the so-called reality. For several decades, since the emergence of photography, this was the discourse that led the trajectory of this artistic language, inspiring and reinforcing everything from dictatorial tendencies to humanist discourses. This is not the case with Julia Kater's research and work: in her exhibition "At eye level", the visual artist deviates from the almost irresistible trap of describing facts and giving fixed contours to the events that are perceived with her camera.

It's not that the fact isn't there. Kater documents seemingly simple – and even banal – moments: a person gazing onto the horizon, sitting with their backs turned; a table full of glasses and cups; a tree or a stone; in addition to her well-known landscapes. But it is in the editing work after the image is taken that the artist shows deep respect, and even admiration, for the enigma that is the photographic language. It is the cut-outs and new framings that inform us about the silent condition of the image: her works refuse to tell us a totalizing story, at the same time that they provoke us to complete the thread of Ariadne merely suggested by the artists with our own senses.

The layers and overlapping proposed by Kater subvert landscape photography, so dear to the historiography of the arts. Departing from well-known scenes such as beaches, clouds and seas, it is the artist's physical gesture that tells us that the image cannot fully handle reality. The map is not the territory, it never will be. Making use of the precision of the stylus in large-scale images, she inverts notions of sky and horizon, thus confounding the very belief of what we thought we had initially seen. The landscapes, before calm and reassuring, become abstractions and gain a questioning, subjective and even philosophical dimension. Together with the artist, we mentally assume and build the landscape that already inhabits us in dreams and reveries, where nothing is fixed in one point and everything can happen at any moment: the sun can move, the sand can turn into a cloud and the textures become confusing to the point of abstraction.

It is important to note how the gestures are repeated and accumulated, bringing Kater closer to musical thought, with notions of rhythm and linked to the principle of variation, fundamental in contemporary art. It is the shuffled fragments that lead us to a different, sensorial and even spiritualized perception of that landscape that, at first, seemed so familiar to us.

When we approach the smaller photographs, the silence becomes even more present. Neither the works – nor the sequence determined by the artist – tell us a linear, easy or single story. Kater also reframes and modifies previously shot images. If, before, we were faced with the procedure of cutting and juxtaposition, here we perceive the gesture of zooming or close-up, common strategies in photography and cinema, a language that also inspires the artist. And it is through these new frames that we are placed facing a silhouette, a neck contour or the vestige of an elbow. Traces of bodies and states of mind. The sky seems to transform until it turns the sun blue – or is it just a stain on the negative film? What world is inhabited by these images? When we arrive at apparently "real" scenes, we are already so influenced that we begin to question: what is, in fact, a stone? What is the essence of a tree? And we realize, as in Szymborska's poem, that these answers will never be provided, especially not by photography. One of the artist's great assets is to inhabit this silence and, more than that, to reinforce it, present it and, in the end, leave us alone struggling with the image itself.

Julia Kater's installation choices in "At eye level" remind us constantly that every framing is a narrative decision and a way of perceiving the world. Each gesture is not only discursive, but also political. By generously opening the images to their enigmatic dimension, the artist feeds us with a question: when I look at something, what do I see? Can I believe what I see? And, perhaps, we can also think: how do I complete what I see? –, if only it would be possible to complete it.





Cedro do Atlântico, 2023

fotografia impressa sobre papel algodão

photograph printed on cotton paper

82 x 122 cm, ed 1/3

31 1/2 x 47 1/4 in



Algodões, 2023

recorte e colagem de fotografia impressa
em papel algodão
cut out and collage of a printed photograph
on cotton paper

176 x 160 cm

69 ¹⁹/₆₄ x 62 ¹⁹/₃₂ in







Sem Título, 2022

recorte e colagem de fotografia impressa em papel algodão
cut out and collage of a printed photograph on cotton paper

178 x 162 cm

69 ⁷/₈ x 63 ²⁵/₃₂ in







Linha de Névoa, 2023

recorte e colagem de fotografia impressa em papel algodão
cut out and collage of a printed photograph on cotton paper

160 x 140 cm

62 ¹⁹/₃₂ x 54 ²³/₃₂ in







Sem Título, 2023

recorte de fotografia impressa sobre papel algodão

photography cut printed on cotton paper

152 x 225 cm

59 ²⁷/₃₂ x 88 ³⁷/₆₄ in





Sem Título, 2023

recorte de fotografia impressa sobre papel algodão

photography cut printed on cotton paper

104 x 158 cm

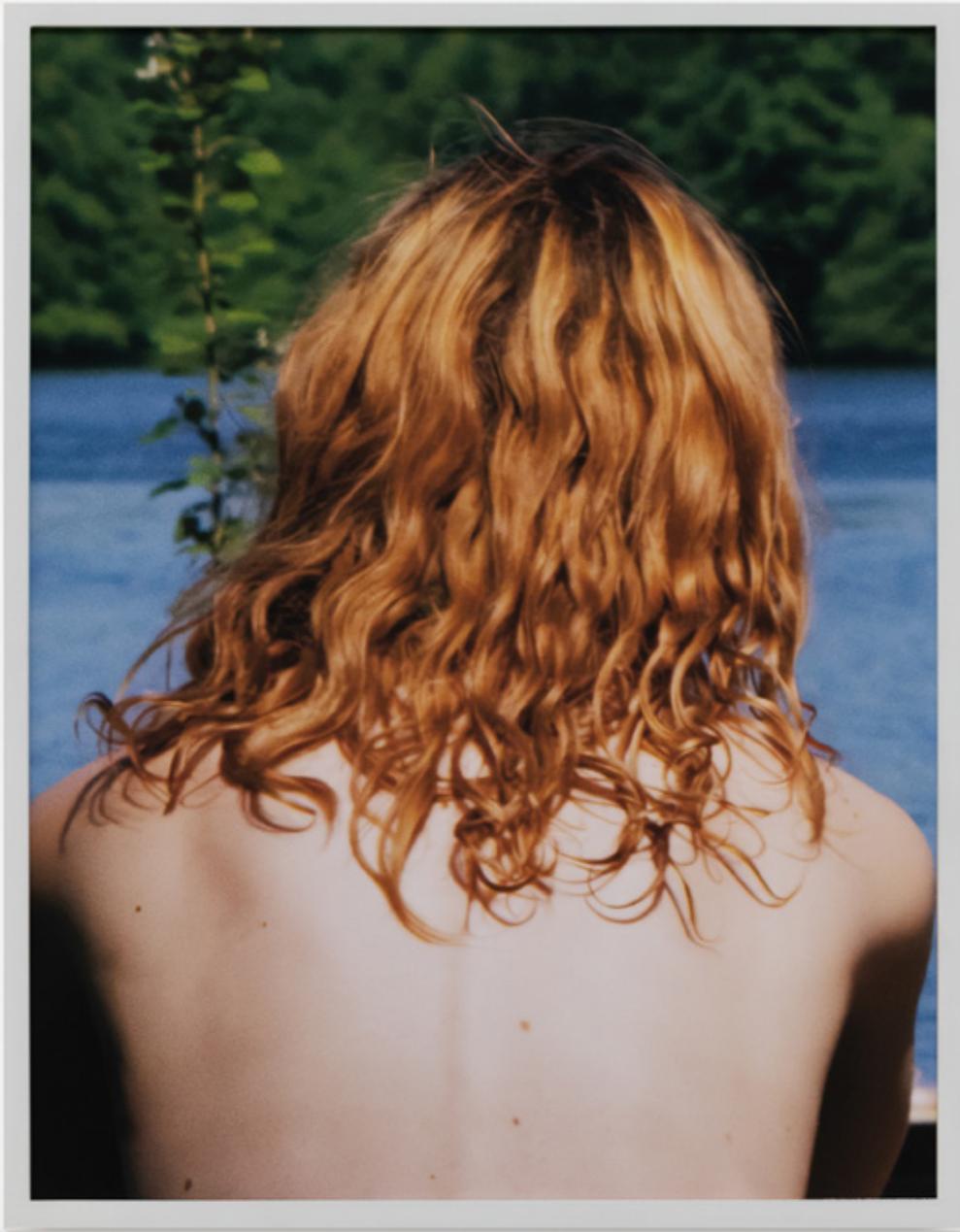
40 ¹⁵/₁₆ x 62 ¹³/₆₄ in







Sem Título, 2023
fotografia impressa sobre papel algodão
photograph printed on cotton paper
32 x 26 cm, ed 1/3
12 ¹³/₃₂ x 10 ³/₆₄ in



Sem Título, 2023
fotografia impressa sobre papel algodão
photograph printed on cotton paper
53 x 42 cm, ed. 1/3
20 ⁴³/₆₄ x 16 ¹¹/₃₂ in





Sem Título, 2023

recorte de fotografia impressa sobre papel algodão

photography cut printed on cotton paper

165 x 225 cm

64 ⁴⁹/₆₄ x 88 ³⁷/₆₄ in





Sem Título, 2019

recorte de fotografia impressa em papel algodão

photography cut printed on cotton paper

48 x 38 cm, ed. 3/3

18 ⁴⁵/₆₄ x 14 ⁴⁹/₆₄ in



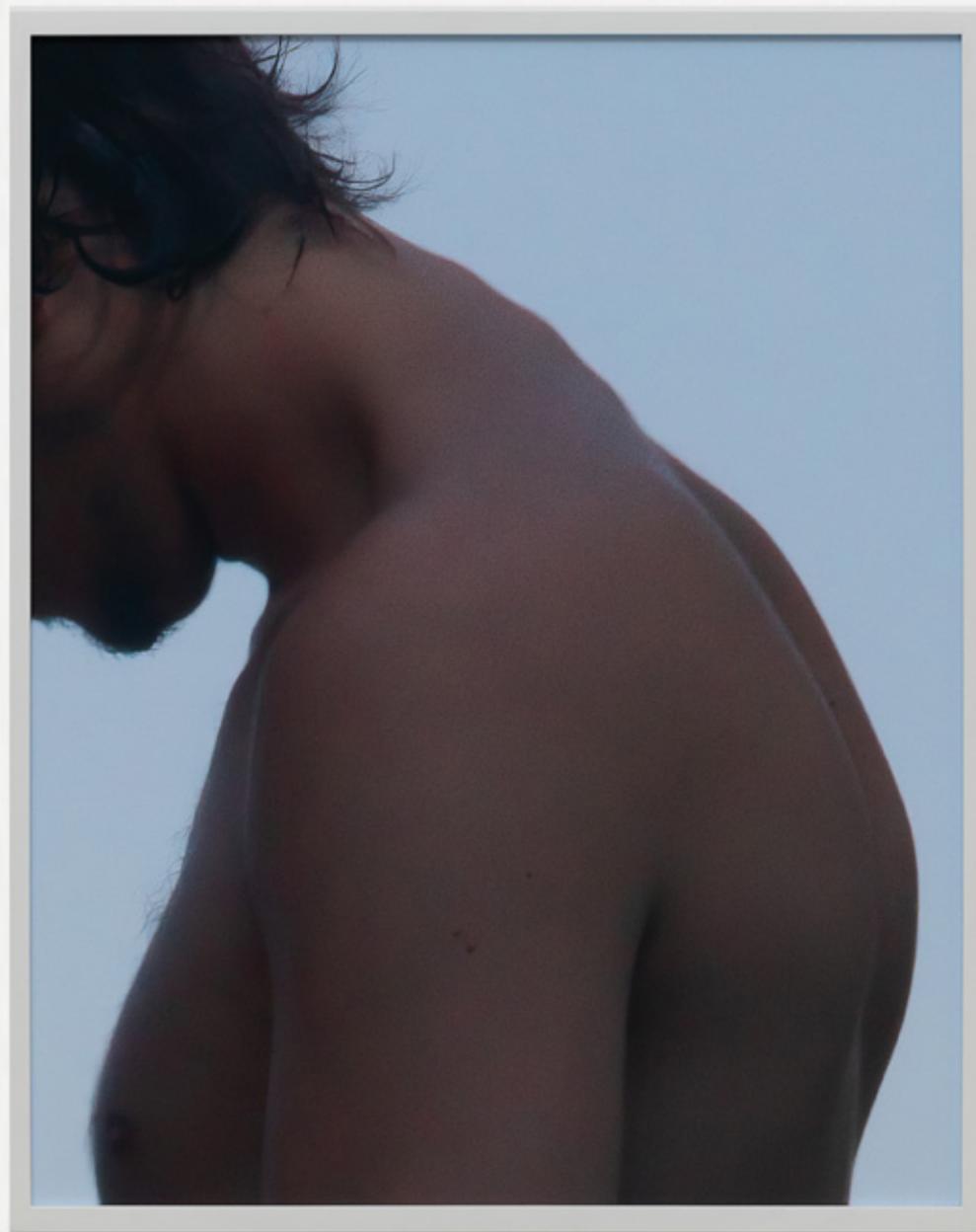
Sem Título, 2023

fotografia impressa sobre papel algodão

photograph printed on cotton paper

59 x 48 cm, ed. 1/3

23 ¹/₃₂ x 18 ⁴⁵/₆₄ in









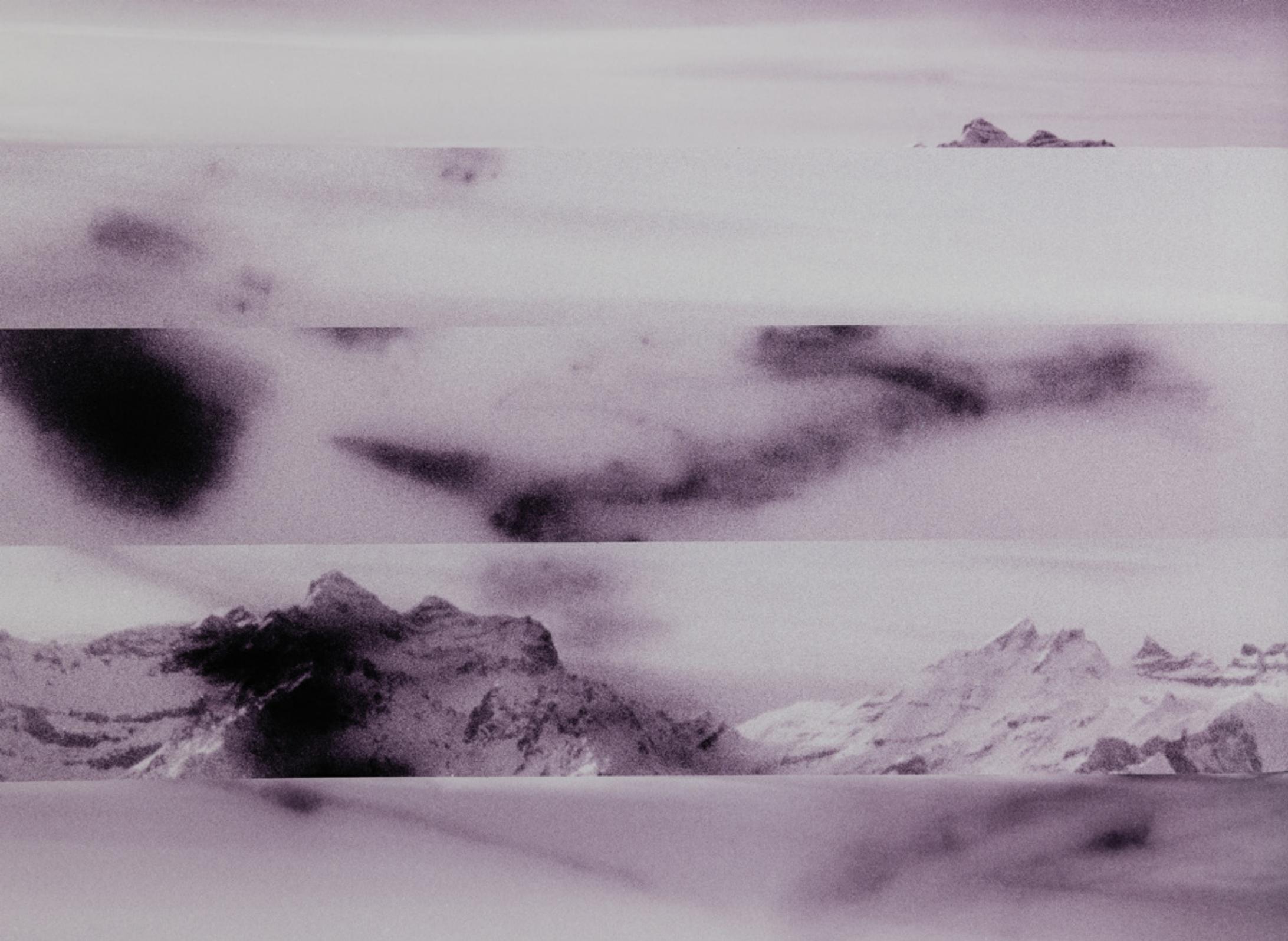
À Altura dos Olhos, 2023

recorte de fotografia impressa sobre papel algodão

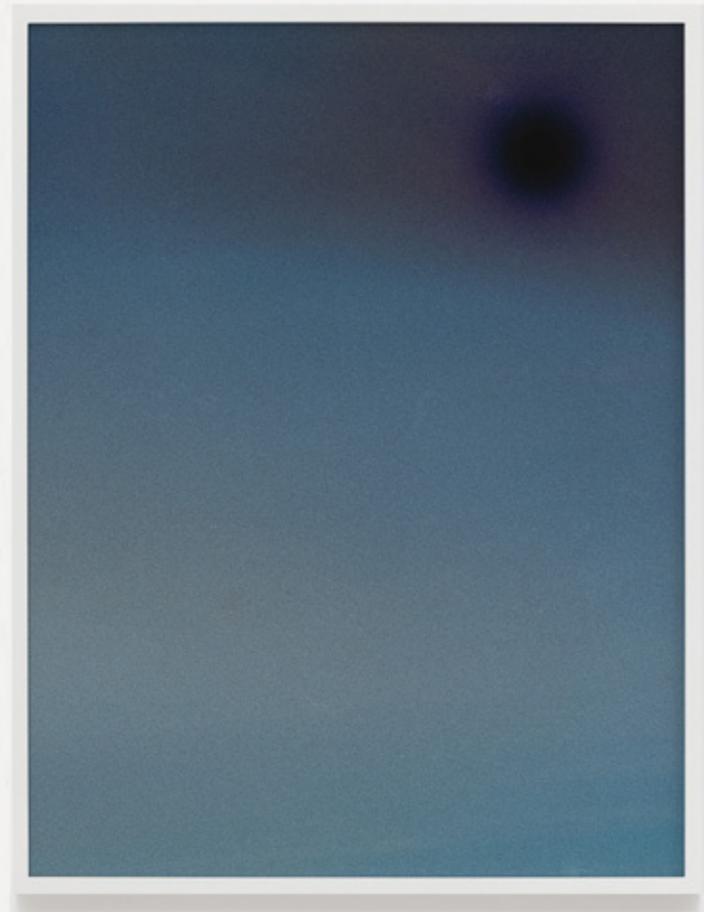
photography cut printed on cotton paper

164 x 226 cm

64 ³/₈ x 88 ²⁵/₃₂ in







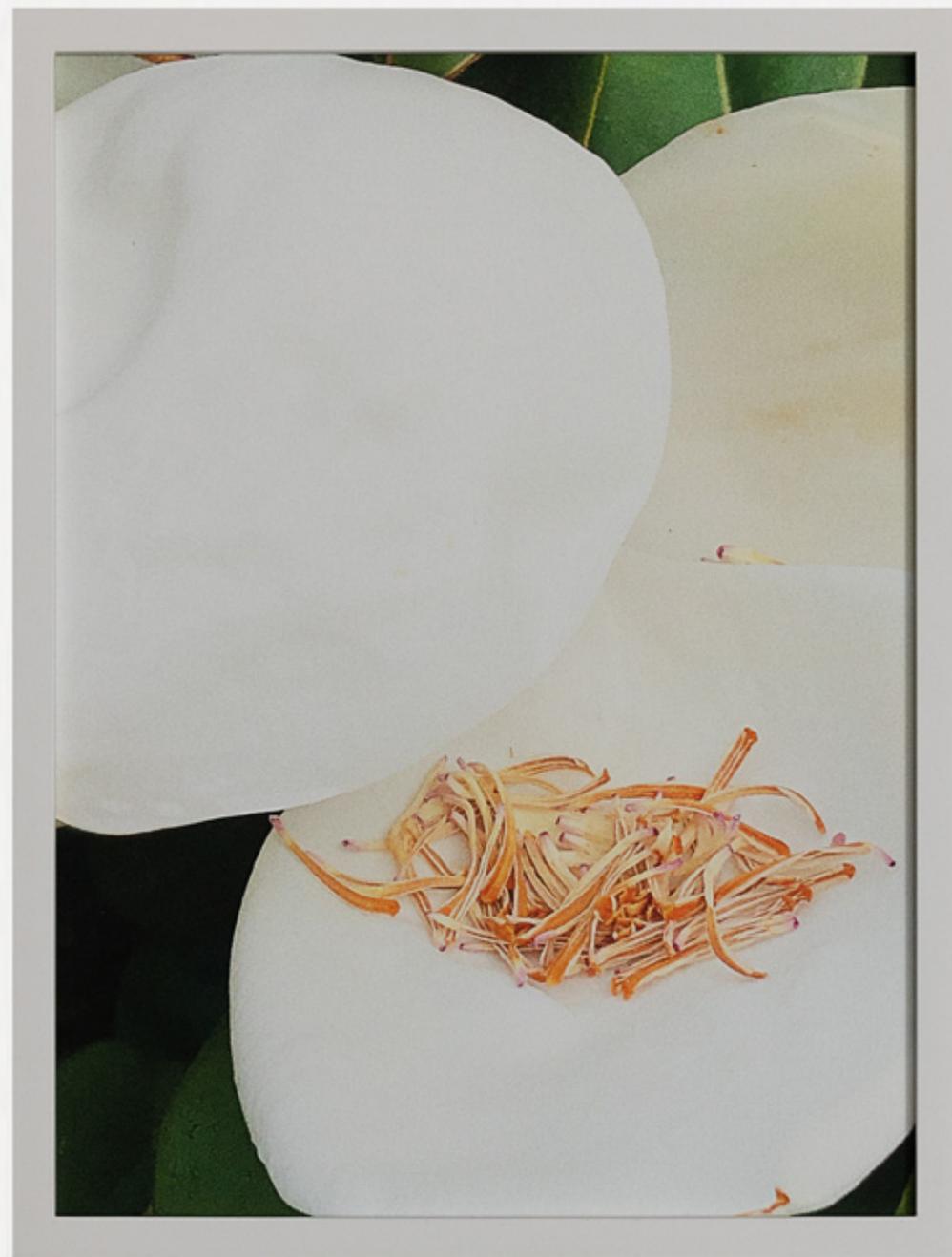
Sol Estrelas Planetas e Cometas, 2023
fotografia impressa sobre papel algodão
photograph printed on cotton paper
díptico, 65 x 55 cm | 57 x 45 cm, ed. 1/3
diptych, 25 ²⁵/₆₄ x 20 ⁴³/₆₄ in | 22 ¹/₄ x 17 ³³/₆₄ in





Coisa Escrita, 2023
fotografia impressa sobre papel algodão
photograph printed on cotton paper
75 x 102 cm, ed. 1/3
29 ¹⁷/₃₂ x 39 ⁶¹/₆₄ in

Magnólia, 2023
fotografia impressa sobre papel algodão
photograph printed on cotton paper
34 x 26 cm, ed. 1/3
9 ²⁹/₆₄ x 12 ¹⁹/₃₂ in









Julho, 2023

fotografia impressa sobre papel algodão

photograph printed on cotton paper

55 x 82 cm, ed. 1/3

21 ²⁹/₆₄ x 32 ³/₃₂ in





Dos, 2023

fotografia impressa sobre papel algodão

photograph printed on cotton paper

50 x 55 cm, ed. 1/3

19 ³¹/₆₄ x 21 ²⁷/₃₂ in





Julia Kater (Paris, 1980) possui formação em Fotografia pela ESPM/SP, é graduada em Pedagogia pela PUC/SP e pós-graduada em Psicomotricidade pela ISPEGAE, OIPR Paris/França. A artista elabora seu trabalho, orientando-se por um eixo temático: a improbabilidade visual. A partir da fotografia e do vídeo, captura momentos fugidios, flagra acontecimentos efêmeros, revelando detalhes que normalmente passariam despercebidos – por serem modestos ou absolutamente banais.

Seu trabalho parte da linguagem fotográfica, mas não se encaixa nos formatos clássicos do suporte. Kater lança mão de procedimentos como corte e sobreposição, criando interferências manuais por meio de camadas de imagens manipuladas que alteram e confundem os sentidos reais da imagem e desviam suas leituras imediatas. O gesto cortante é fundamental para a artista – seja ele físico ou digital –, operando simultaneamente como enquadramento e interferência. A paisagem é um dos grandes temas que Kater explora, subvertendo as noções estanques de céu e terra ou mar, corpo e construção. Nas séries que podemos chamar de colagens, as muitas camadas que compõem o trabalho não são apenas físicas, mas também alegóricas, expandindo o volume da imagem para o espaço e ampliando seus possíveis significados e interpretações.

Sua pesquisa também passa pela imagem em movimento. Inspirada pelo que o cinema tem de mais inusual – longos silêncios ou monólogos disparatados; cenas absurdas ou tomadas que quase nada revelam; gestos repetitivos e narrativas fragmentadas – a artista elabora pensamentos e desdobramentos de questões como memória, imaginário coletivo, apagamento e, principalmente, a linguagem e a passagem do tempo. Esses temas são recorrentes em suas articulações audiovisuais, que ganham no som mais uma camada de informação que impacta as possíveis leituras dos trabalhos.

Julia Kater recebeu, em 2011, o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea, São Paulo. Em 2012, participou também da Art Residency, Carpe Diem Arte e Pesquisa, em Lisboa. Suas principais exposições individuais incluem: "Quase um" (2021), Simões de Assis, São Paulo; "Breu" (2018), Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; "Acordo" (2017), Palazzo Rossini, GAA Foundation, Veneza; "Da banalidade" (2016), Instituto Tomie Ohtake e "Como se fosse" (2014), Ocupação Programa Caixa Cultural. Participou também de importantes coletivas e festivais, como: "Mutatio" (2019), Garage Amelot, Paris; Anthology Film Archives (2018), Nova York; Reenccontres Internacionales Paris/ Berlin - New Cinema and Contemporary Art (2017); "Ao amor do público I" (2016), MAR, Rio de Janeiro; "Bienal de Assunção" (2015), "Frestas - Trienal de Artes" (2014), Sesc Sorocaba. Sua obra faz parte de coleções como: Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro; Museu Oscar Niemeyer - MON, Curitiba; Fundación Luis Seoane, La Corunha; Foundation PLMJ, Lisboa; e Museu de Arte de Ribeirão Preto

Julia Kater (Paris, 1980) has a degree in Photography from ESPM/SP, a degree in Pedagogy from PUC/SP and a postgraduate degree in Psychomotricity from ISPEGAE, OIPR Paris/France. The artist elaborates her work guided by a thematic thread: visual improbabilities. Using photography and video, she captures fleeting moments, ephemeral events, revealing details that would normally go unnoticed – because they are modest or absolutely banal.

Her work departs from photographic language but does not fit into the classic formats of the medium. Kater makes use of procedures such as cutting and overlapping, creating manual interferences through layers of manipulated images that alter and confuse the real meanings of the image and deviate its immediate interpretations. The cutting gesture is fundamental for the artist – be it physical or digital –, operating simultaneously as framing and interference. Landscape is one of the great themes that Kater explores, subverting the stagnant notions of sky and earth or sea, body and construction. In the series that we can call collages, the many layers that make up the work are not only physical, but also allegorical, expanding the reach of the image into space and broadening its possible meanings and interpretations.

Her research also goes through the moving image. Inspired by what is most unusual in cinema – long silences or silly monologues; absurd scenes or shots that reveal almost nothing; repetitive gestures and fragmented narratives – the artist elaborates thoughts and the unfolding of issues such as memory, collective imagination, erasure and, mainly, language and the passage of time. These themes are recurrent in her audiovisual articulations, which gain in sound another layer of information that impacts the possible readings of the works.

Julia Kater received in 2011 the award "Funarte de Arte Contemporânea", São Paulo. In 2012, she participated in the Art Residency "Carpe Diem Arte e Pesquisa", in Lisbon. Her main solo exhibitions include: "Quase um" (2021), Simões de Assis, São Paulo; "Breu" (2018), Museu Oscar Niemeyer, Curitiba; "Acordo" (2017), Palazzo Rossini, GAA Foundation, Venice; "Da banalidade" (2016), Instituto Tomie Ohtake and "Como se fosse" (2014), Ocupação Programa Caixa Cultural. She has also participated in important group shows and festivals, such as: "Mutatio" (2019), Garage Amelot, Paris; "Anthology Film Archives" (2018), New York; "Reenccontres Internacionales Paris/ Berlin - New Cinema and Contemporary Art" (2017); "Ao amor do público I" (2016), MAR, Rio de Janeiro; "Bienal de Assunção" (2015), "Frestas - Trienal de Artes" (2014), Sesc Sorocaba. Her work is part of collections such as: Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro; Museu Oscar Niemeyer - MON, Curitiba; Fundación Luis Seoane, La Corunha; Foundation PLMJ, Lisboa; and Museu de Arte de Ribeirão Preto.

SIMÕES DE ASSIS

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315

São Paulo

al. lorena 2050
01424-006 sp brasil
+55 11 3062-8980

Balneário Camboriú

3ª avenida, esquina c/ 3.150, sala 04
88330-260 sc brasil
+55 47 3224-4676